

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

**A Etnomatemática Tupinikim na confecção
do Samburá**

Andry Jeferson Pajehu de Lima

Dandara Luyne Marques da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

**A Etnomatemática Tupinikim na confecção
do Samburá**

Andry Jeferson Pajehu de Lima

Dandara Luyne Marques da Silva

Memorial poético que acompanha o produto educacional do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Ozirlei Teresa Marcilino

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. APRESENTAÇÃO | 04 |
| 2. VIDA PESSOAL | 04 |
| 3. PERCURSO ACADÊMICO | 06 |
| 4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL | 09 |
| 5. O QUE MOTIVOU A SUA PESQUISA? | 12 |
| 5.1 Problema da pesquisa..... | 13 |
| 5.2 Objetivos..... | 13 |
| 5.3 Percurso metodológico..... | 13 |
| 5.4 O produto educacional..... | 14 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 14 |
| 7. CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS | 15 |
| 8. BREVE PALAVRA DA ORIENTADORA | 16 |

1. APRESENTAÇÃO

Olá filhas, Maria Isabella e Maria Julia, tudo bem com vocês? Estamos escrevendo essa carta para vocês, para falar um pouco sobre nosso Trabalho de Conclusão de Curso, o tão temido TCC. Escolhemos como tema deste trabalho “A Etnomatemática Tupinikim na confecção do Samburá”, mas antes de falar o motivo pela qual escolhemos esse tema, vamos contar nossa breve história para vocês.

2. TRAJETÓRIA DE VIDA PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Meu nome é **Dandara Luyne Marques da Silva**, tenho 27 anos, moradora da Aldeia de Caieiras Velha, da etnia Tupinikim, nascida e criada na aldeia. Sempre estudei na educação escolar indígena, desde a educação infantil, me sinto muito feliz e orgulhosa, pois antes na 4º série, os alunos precisavam estudar fora da aldeia, e eu fiz parte da primeira turma de 6º ano em 2005, por isso não precisei estudar fora da aldeia. Essa nova etapa do ensino fundamental, foi um momento muito importante para a escola indígena e para nossa comunidade...Me lembro dos desafios, pois a maioria dos professores nunca tinham trabalhado nesse nível de ensino, mas apesar da dificuldade exerceram seu papel com excelência, e assim concluímos o ensino fundamental na escola indígena, em 2008, a primeira formatura do 9º ano, com duas turmas, sendo um momento muito importante para nós.

Infelizmente, o ensino médio tive que fazer fora da aldeia, na sede do município, na Escola Monsenhor Guilherme Schmitz, em 2009. O primeiro ano foi bem difícil, pois era uma realidade totalmente diferente, e sem contar o preconceito que sofria, piadas de mal gosto, só não era mais difícil, porque tinha um grupo de alunos da aldeia, onde nos juntamos para nos ajudar, e assim, os próximos

anos foram mais tranquilos, fiz outras amizades que me ajudaram e não tinham preconceito..., mas tinham alunos que ainda faziam brincadeiras sem graça, e mesmo com algumas dificuldades em 2011 conclui o ensino médio. Nesse mesmo ano fiz o ENEM, e me inscrevi para alguns programas de ensino superior, porém não consegui nenhuma vaga.

Em 2014 fiz o vestibula da UFES para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, o Prolind, com isso foi possível fazer o processo seletivo para proprofessor indígena, e assim inicia em 2016 minha primeira experiência profissional como professora da Educação Infantil no CMEI Indígena Caieiras Velha, na turma do grupo 1, com crianças de 6 meses a 2 anos, no início, foi um desafio muito grande, mas com ajuda das colegas de trabalho, consegui realizar um bom trabalho. E a partir dessa primeira experiência continuei no CMEI como professora, em 2017 no grupo 1 também, 2018 no grupo 2, 2019 grupo 3 e 4, e 2020 no grupo 4. Em 2021 fiquei o ano sem trabalhar, e em 2022 inicio uma nova experiência, como professora de ensino fundamental, na EMEF Indígena Caieiras Velha, com a turma de 2º ano.

Meu nome é **Andry Jeferson Pajehu de Lima**, tenho 32 anos, sou da etnia tupinikim da Aldeia de Caieiras Velha-Aracruz -ES. Dos meus pais, apenas minha mãe é indígena, e meu pai natural de Icó/CE. Com muita dificuldade de se manter antigamente dentro da aldeia, meus pais moraram em vários lugares em busca de uma vida mais rentável, um deles foi Guarapari-ES, onde acabei nascendo e logo após meu nascimento, retornamos à aldeia, onde me resido até os dias atuais.

Meu ensino infantil até o fundamental 1, foi todo concluído dentro da aldeia, com professores não indígenas. Em 1998 terminei a trajetória de ensino dentro da aldeia, que era apenas do infantil a 4º série, e então, em 1999, tinha algumas opções de onde poderíamos estudar, a EEEFM Primo Bitti que fica localizada no Bairro Coqueiral/Aracruz, que fica bem próximo a aldeia ou a Escola Família de Rio Bananal. Com isso, algumas pessoas da aldeia optavam por estudar na

escola família agrícola (escola de campo), por também ofereceram o ensino médio junto ao técnico agrícola, e foi então que resolvi me matricular nessa, onde ficávamos uma semana na escola e uma semana em casa, em regime de alternância.

Foi uma experiência muito boa, aprendi muitas coisas, que carrego até hoje comigo, porém sentia muita dificuldade de ficar longe da minha família o que fez com que eu concluísse apenas a 5^o série. No ano de 2000, com muita conversa com meus pais, resolvi mais uma vez ir para a escola de campo, porém, um pouco mais longe, na Escola Família Agrícola São Bento do Chapéu - Domingos Martins, era uma escola muito boa, havia vários indígenas na escola comigo, tupiniquins e guaranis, o que me fez me sentir um pouco melhor e estava tudo indo bem, porém no meio do ano, perdemos o nosso transporte, o que nos fez perder o ano letivo.

No ano de 2001, retornei para a 6^o série, agora na escola estadual, onde senti muita dificuldade, pois era diferente de tudo aquilo que tinha passado, porém tive que adequar e seguir em frente, em 2005 terminei o fundamental 2 e iniciei o ensino médio, na mesma escola, concluindo em 2009. Logo após a conclusão, iniciei um curso técnico em mecânica numa escola particular no município de Aracruz, onde meus pais arcavam com as mensalidades, porém também não consegui concluir devido às dificuldades financeiras da minha família.

Em 2010 comecei a trabalhar no meu primeiro emprego, que foi em uma fábrica de andaimes, LUMAC, que foi uma experiência muito boa, mas também não fiquei por muito tempo. Em 2011 fiz um curso de guarda vidas, e trabalhei durante o verão a serviço da Prefeitura de Aracruz. Em 2012 fui contratado no Serviço Social do Comércio-SESC também no município de Aracruz, onde fiquei por um ano. No final do ano de 2013, fui contratado no Supermercado Meridional, no Bairro Coqueiral, mesmo período que concluí alguns cursos básicos e iniciei o

curso no ensino superior em Matemática, numa faculdade a distância.

No final do ano de 2013, houve um processo seletivo para trabalhar em diversas áreas, tanto para o magistério quanto para a área administrativa, fui aprovado para ser instrutor de informática, admitido em fevereiro 2014, comecei a trabalhar na EMEF Indígena de Caeiras Velha. Logo em seguida fui avisado que teria mais uma vaga para atuar como professor de matemática. A princípio fiquei bastante nervoso e ansioso, e em março saiu outra chamada na área de magistério, onde fui convocado e trabalhei até o final do ano.

Em 2015, continuei com a Licenciatura em Matemática particular, e mais uma vez fiz o processo seletivo e fui aprovado. Também nesse período, houve o processo seletivo da UFES para Licenciatura Intercultural Indígena, onde também fui aprovado, e no segundo semestre deste ano, iniciaram as aulas do PROLIND, quando optei em trancar a graduação em Matemática na escola particular, focando apenas na Licenciatura Indígena, onde me mantive até este momento.

Esse TCC é um trabalho que estamos desenvolvendo para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena - PROLIND, um curso muito sonhado pelas nossas lideranças indígenas, que desde 2001 lutavam com a UFES por um curso específico e diferenciado para nós indígenas. Entre essas lideranças estavam algumas pessoas que vocês conhecem, a vovó Alzenira e a tia Andrea, que são referências para nós quando se trata de Educação Escolar Indígena, tio Lauro que é uma liderança da nossa comunidade. As discussões sobre o curso superior com as lideranças de todas as comunidades indígenas Tupinikim e Guarani de Aracruz, do CIMI (conselho Indigenista Missionário, da Pastoral

Indigenista, da SEDU, da SEMED, da FUNAI e além da UFES, iniciaram em 2001, logo após um grupo de professores se formar no Magistério Indígena.

Com muita luta, nosso povo conseguiu essa vitória, após anos de luta, discussões, saímos vitoriosos. No início de 2015 fizemos o vestibular da UFES, para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND), onde um grupo de pessoas e educadores indígenas foram até a UFES fazer a prova, e para nossa felicidade, nós dois passamos, foi uma alegria muito grande passar no nosso primeiro curso superior, e mais feliz ainda por ser o PROLIND. Também foram aprovados a vovó Alzenira, tia Luana, os primos Moniani, Geferson, entre outros. Foi uma felicidade muito grande passar na seleção, e ao mesmo pensamos na responsabilidade que tínhamos, pois um curso que vinha sendo sonhado, planejado desde 2001, não podíamos deixar a desejar, tínhamos que dar o nosso melhor, por nós, mas principalmente por aqueles que participaram dessa luta, não podíamos decepcioná-los!

Em julho de 2015, tivemos a primeira aula do PROLIND, que emoção que foi, a sala estava cheia, a coordenação da UFES fez a recepção dos alunos, e nosso primeiro professor, foi um indígena, não podia ser diferente, foi muito bom, a partir daí, criamos expectativas muito boas para o curso. E assim iniciou-se o PROLIND, com uma turma de aproximadamente 70 alunos, das aldeias de Caeiras Velha, Irajá, Comboios, Córrego do Ouro, Pau-Brasil e Guarani, estavam todos muito animados e ansiosos, ninguém queria faltar nenhum dia. No início o curso de previsão de duração de 5 anos, onde 3 anos todos estudavam juntos, e os dois últimos anos seria a especialização, onde cada alunos escolheria uma dentre 3 habilitações: Ciências Sociais e Humanidades, Arte Linguagem e Comunicação e Ciências da Natureza e Matemática.

Por ser um curso específico e diferenciado, os professores que davam aula, eram aqueles que tinham um conhecimento das causas indígenas, mas

infelizmente nem sempre foi possível encontrar professores disponíveis. Mas, graças a Deus, a maioria dos professores foram muito bons, sensíveis à nossa causa.

Chegou a hora de escolhermos a área de conhecimento, e por incrível que pareça, escolhemos a mesma, Ciências da Natureza e Matemática, onde tivemos professores maravilhosos, e foi assim que escolhemos a nossa orientadora de TCC, Ozirlei Teresa Marcilino, que já tinha desenvolvido trabalhos de formação com os professores indígenas.

Infelizmente, por não conseguir professores para dar aula para o PROLIND, o curso acabou atrasando, e estamos há sete anos estudando, com previsão de acabar no segundo semestre de 2022.

Quando iniciamos o curso, você, Maria Isabella estava com dois aninhos, e tínhamos que deixá-la com alguém da família para podermos estudar, na maioria das vezes era tia Luana, e quando não tinha ninguém a levamos para o curso. Em 2018 engravidei novamente de outra menina, a Maria Julia, que me acompanhou as aulas do Prolind na barriga da mamãe, graças a Deus foi uma gravidez tranquila, a mamãe trabalhava na creche estudava no Prolind. No dia 20 de março de 2019, com quase quatro anos de curso, e a mamãe, mesmo com barrigão e participando das aulas, chegamos da aula às 22 horas, a mamãe deitou e o papai foi jantar. E foi, quando Maria Julia se esticou todinha dentro da barriga da mamãe, e acabou rompendo a bolsa, com 8 meses de gestação... foi aquela correria, para arrumar a mala e correr para o hospital, mas graças a Deus deu tudo certo, e no dia 21 de março de 2019, a Maju nasce!

A mamãe ficou de licença maternidade, e nesse período só o papai acompanhava as aulas; a mamãe fazia as atividades de casa, por ser um curso específico e diferenciado e de turma única, não tinha como repor as aulas, por

isso tinha que fazer os trabalhos de casa. Passaram-se 6 meses, e foi a hora de retornar às aulas presenciais. Como era muito pequena, Maju tinha que ir com a gente para escola, algumas vezes era difícil acompanhar as aulas, então o papai e a mamãe se revezavam para cuidar de você; Bella, como já tinha 5 anos, ficava em casa, ou na casa de tia Marciana ou na casa de Albertina, sempre com alguém que ajudava.

Na habilitação de Ciências da Natureza e Matemática, tivemos professores muito bons, algumas disciplinas mais fáceis que as outras, vários desafios, mas estamos conseguindo.

Até que chega 2020, e começa uma pandemia mundial, do Coronavírus, um vírus mortal que iniciou na China e se espalhou pelo mundo todo, matando milhares de pessoas; ficamos desesperados, não sabíamos o que fazer, tudo foi paralizado, escolas, comércios, apenas os serviços essenciais funcionavam, não podíamos sair para lugar nenhum, tinha que ficar em casa, isolados. Com isso, o nosso curso que já estava atrasado, atrasou mais ainda, pois não era possível dar sequência as atividades do curso, e assim ficamos parados por um bom tempo realizar as aulas, o estágio, o TCC. Depois de meses parados, surge uma ferramenta muito importante, o Google Meet, que tornou possível acontecer as aulas, e assim demos continuidade ao curso, com as aulas de forma online, e foi uma correria contra o tempo, para tentar colocar em dia o curso. Assim foi possível dar continuidade do curso, e iniciamos o Estágio, a primeira parte do estágio fizemos on-line, pelo Google meet, com Lives importantíssimas, sobre a Educação Escolar Indígena, e a segunda parte do Estágio que seria as observações das aulas na escola, infelizmente também teve que ser on-line, devido a pandemia, pois as aulas nas escolas estavam sendo de forma remota, e para fazer o relatório era necessário entrar no grupo de whatsapp da turma que iríamos estagiar para observar, e conversar com o professor para saber um pouco suas práticas pedagógicas, o perfil da turma, etc.

A pandemia continua, no início de 2021 as aulas continuam remota por causa da Pandemia do Coronavírus, no segundo trimestre com início da vacinação contra o Coronavírus, as aulas voltam a ser presenciais, porém para atender os protocolos foi necessário dividir a turma em dois grupos, para manter o distanciamento entre os alunos. Inicialmente não era obrigatória mandar as crianças para escola, por isso a mamãe e o papai decidimos deixar Maria Isabella em casa fazendo as atividades on-line, e era obrigatório fazer para não ficar com falta. Com o aumento da vacinação e o controle de casos, as aulas presenciais se tornam obrigatória, esse momento foi bem difícil para a mamãe e o papai, pois ficamos muito preocupados em mandar a Maria Isabella para escola, mas chegou a hora de retornar, mesmo com medo sabíamos que era o melhor para ela, conversamos muito com ela, explicamos os cuidados que ela deveria ter na escola, e assim ela passa a estudar presencialmente.

3. A PESQUISA E O PRODUTO EDUCACIONAL

Em 2021, começou o período de escolha dos orientadores do TCC, por ter uma afinidade maior com a Matemática, e por ter tido aula com a professora Ozirlei, que foi uma experiência muito boa, pois a mesma tem uma sensibilidade pelas questões indígenas, decidimos escolhê-la para ser nossa orientadora, e para nossa felicidade ela nos aceitou como seus orientandos. A partir daí, começamos nossos trabalhos, tínhamos um tema em mente, onde apresentamos a ela, e a mesma concordou.

No nosso primeiro encontro estávamos desesperados, pois não tínhamos noção de como escrever o TCC, a professora nos deixou bem tranquilos, explicou o passo a passo, fez um cronograma, para que o trabalho fosse feito por etapa, a partir do tema, começamos a pensar no título, construímos juntos os objetivos,

e assim a professora foi passando tarefas para realizarmos, fizemos um roteiro para o trabalho de campo, e a partir daí começamos as entrevistas.

Agora, filhas, vamos falar pra vocês, o porque escolhemos esse tema para nosso TCC “A Etnomatemática Tupinikim na confecção do Samburá”. Antigamente, o nosso povo vivia da pesca e da caça, onde eram livres para ir na mata caçar, tirar os materiais para fazer casa, artesanatos, suas armas. Infelizmente devido a colonização que sofremos há muitos anos atrás, parte de nossa cultura se perdeu, e hoje lutamos para preservar o pouco que ainda temos. Escolhemos falar do samburá, porque é um artefato que faz parte da nossa cultura, utilizado na pesca, onde os nossos anciãos utilizavam para transportar os mariscos, peixes e principalmente caranguejo.

Sabe o caranguejo que vocês tanto gostam? Que hoje o papai pega para vocês comerem? Hoje o papai traz o caranguejo no saco, mas antigamente, os Bisavós Iraci e Jovino traziam no samburá. Quando a vovó Alzenira e seus irmãos eram pequenos, foram criados com alimentos do nosso rio Piraquê-açu, onde vovô Jovino e vovó Iraci pegavam mariscos para alimentar seus filhos. Tio Roberto, tia Céia relatam, que quando eram pequenos, tinham que ir cedo para o manguê para pegar o mariscos para poder comer; a vovó Alzenira e tia Preta falam, que muitas vezes comiam o caldo de algum marisco com farinha para não ficar com fome.

Escolhemos falar sobre a confecção do samburá, porque hoje, poucas pessoas o fazem, e se ninguém registrar essa prática, infelizmente com o passar dos anos vai acabar. Esse conhecimento da nossa cultura está guardado com os nossos anciãos, e com o tempo pode se perder. E, assim vamos pesquisar com nossos anciãos a importância que o samburá tem para o nosso povo, a história e cultura, pretendemos registrar, filmar, gravar e fotografar todo o processo de confecção, para assim ficar registrado e quem sabe no futuro, vocês possam fazer um

samburá. Existe uma crença muito grande por detrás do samburá, tem o cuidado e o respeito do povo pelas matas, o ritual da lua e para entrar na mata, pretendemos escrever cada etapa, porque não é só ir na mata e retirar o cipó; nossos anciãos nos ensinaram que é preciso olhar a fase lunar, respeitar a mata, para assim não desperdiçar material.

Este é um dos objetivos dessa pesquisa, que todos, principalmente as comunidades indígenas, tenham acesso a esse material, e que possamos preservar e manter nossa cultura. Outros objetivos, podemos destacar aqui, como: identificar conhecimentos matemáticos no processo de confecção do samburá em relação às medidas padronizadas e não padronizadas; identificar as medidas padronizadas e não padronizadas na confecção do samburá; identificar junto aos mais velhos e artesãos da aldeia de Caeiras Velha, conhecimentos que consideram relevantes na confecção do samburá; conhecer a história e cultura do samburá para o povo tupinikim; produção de um manual didático com o processo de construção do samburá.

Como o papai é professor de matemática, pretendemos também, pesquisar as medidas que os artesãos usam para fazer o samburá, que na maioria são medidas não padronizados, como o palmo, o passo, o pé, e assim vamos “padronizar” essas medidas para deixar registrado, por exemplo, qual tamanho da pua para fazer um samburá de três dúzia, quantos metros de cipó é necessário, qual tempo gasta para fazer o samburá, entre outras medidas. Existe samburá de vários tamanhos e medidas, para diferentes funções.

Infelizmente devido ao desmatamento, o cipó usado para fazer o samburá, o Goimbê, está escasso, por isso, dificulta muito, hoje em dia quase não é possível fazer o samburá. O povo Tupinikim tem um passado marcado por perdas culturais que reflete até os dias atuais no cotidiano dos indígenas. O samburá guarda saberes culturais muito importantes para o povo Tupinikim,

pretendemos com esse trabalho mostrar as novas gerações, que a confecção do artesanato, o resgate da memória dos anciões e o registro da história do povo indígena também são instrumentos importantes para manter viva a memória dos antepassados, e servem como instrumentos de preservação cultural.

Percebemos o uso da matemática em todo o contexto do processo de confecção do samburá, desde a retirada da matéria prima até a venda, Como exemplo, para retirar o cipó na mata, é preciso observar a fase lunar, o horário ideal do dia, o percurso até a mata, o tamanho e a quantidade de cipó que pode retirar para que não afete a mãe do cipó, pretendemos investigar quais são as medidas mais utilizadas nesses processo, se são padronizadas ou não padronizadas.

Com os dados coletados da pesquisa produzimos um livro e-book com o processo de construção do samburá, relatando a importância desse artefato para a cultura do povo Tupinikim, mostrando todo o processo de confecção, os materiais utilizados, as medidas, o trançado e atividades para auxiliar os professores da educação escolar indígena.

4. CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou identificar o uso da matemática em várias etapas do processo de confecção do samburá, que muitas vezes passa despercebido, desde a ida a mata, o distância do percurso, medidas de tempo, como o período lunar para retirada do cipó, o horário ideal para ir a mata, o tamanho do cipó, tamanho variado do samburá desejado, no preparo do cipó, onde é cortado o tamanho das puas de acordo com o tamanho do samburá, foi possível identificar nesse processo, o uso das medidas não padronizados, onde os artesãos, geralmente utilizam palmos ou passos para fazer a medida das puas.

Através da pesquisa foi possível, identificar também a importância que o samburá tem para o nosso povo, pois para nós, não é apenas um artesanato, vai muito além disso, um exemplo de resistência, um símbolo cultural, que nossos antepassados usavam no seu dia a dia, e infelizmente essa prática vem se perdendo ao longo do tempo, por causa, principalmente do não índio, das grandes empresas que destruíram nossas matas, para plantar o eucalipto, com isso o cipó Goimbê se tornou escasso, e infelizmente quase não é encontrado em nossas matas, o que dificulta muita a confecção do samburá.

Outra questão que percebemos, que devido colonização, a mudança no modo de vida do nosso povo, muitos indígenas tiveram que trabalhar fora da aldeia, e assim a prática da pesca e da caça, como meio de subsistência, foi deixada em segundo plano, e assim foi se perdendo essa cultura de pescar e caçar para comer, hoje em dia, são poucas pessoas que dependem da pesca para sobreviver, muitos pescam por lazer, e infelizmente usam outros meios para armazenar seus mariscos, e o samburá acaba sendo deixado de lado.

Realizar essa pesquisa foi muito importante, pois assim foi possível conhecer um pouco mais sobre nossa história, a importância de preservar a natureza e conservar nossa cultura, trazer os conhecimentos ancestrais, é reviver a memória do nosso povo, é importante deixar registrado, para que as futuras gerações possam conhecer um pouco sobre a prática de confecção do samburá. Levar esse trabalho para dentro das escolas, nos proporciona alcançar as crianças e pode servir como um material didático para os professores, onde os mesmos podem desenvolver atividades de acordo com sua turma.

5. AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer ao artesão Eunício Barbosa da Conceição, pela entrevista sobre a confecção do samburá e pelos vídeos, a Liderança Indígena Tupinikim Lauro Martins por nos permitir entrevistá-lo, ao Sr Jovino Sotero Marques por nos mostrar como confeccionar o samburá e filmar, a Roberto Carlos Marques. As educadoras Indígenas Alzenira Felipe Marques e Marli da Penha Vieira Gomes dos Santos, pelos relatos sobre a Educação Escolar Indígena, falando como o samburá pode ser utilizado na escola como material didático. Ao professor Jocelino Quiezza pela idéia to nosso tema. A professora de Língua Tupi Flávia pelas traduções para a língua Tupi, a Mariane Marques pelas fotos, a Adriana Barbosa e a Luiza Marques pelos lindos desenhos.

8 BREVE PALAVRA DA ORIENTADORA

Neste memorial, Andry Jeferson Pajehu de Lima e Dandara Luyne Marques da Silva, ambos da Aldeia Indígena Tupinikim Caieiras Velha, contam individualmente sobre a trajetória pessoal, acadêmica e profissional e a motivação para a escolha da temática deste produto educacional.

Com o título “A etnomatemática tupinikim na confecção do samburá”, Andry e Dandara desenvolveram um material pedagógico ao qual denominaram guia didático como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) na habilitação em Ciências da Natureza e Matemática. Orientar o desenvolvimento deste trabalho foi um importante desafio que envolve memórias, culturas e experiências com e sobre a confecção do samburá e tudo que envolve essa prática tradicional. O produto educacional foi realizado no formato digital, e sendo assim, elaboramos um encarte com CD e Pendrive para que possa ser de fácil acesso das escolas e de quem mais se interessar. O material produzido é multimodal, ou seja, os vídeos, as músicas, as entrevistas, são mostrados por meio dos QR Codes de forma complementar, possibilitando que as diversas

vozes que atuaram no desenvolvimento da pesquisa aparecessem.

O desejo de apresentar o uso de medidas matemáticas padronizadas e não padronizadas no processo da confecção do samburá utilizado pelo povo Tupinikim contribuiu para que a proposta de um produto educacional, neste caso, o guia didático, pudesse mostrar o trabalho dos anciãos e artesãos da aldeia de Caieiras Velha. O desejo desses dois pesquisadores, desde o primeiro momento, era registrar o modo de fazer o samburá, desde o início da coleta dos materiais, o período certo, o manejo do cipó, as possibilidades pedagógicas, tudo tornou o material expressivo e potente!

Neste trabalho, revelam-se modos próprios da cultura da confecção do samburá e tudo o que envolve e significa para o povo tupinikim. A aproximação e identificação com a pesquisa despertou em Andry e Dandara a dedicação, a responsabilidade e a ética de intelectuais próprios de sua cultura, preocupados com o registro e divulgação dos conhecimentos sobre seu povo, valorizando a sua inserção na rede de pesquisadores indígenas.

A produção deste trabalho aconteceu durante o período da pandemia COVID-19 restringindo outras possibilidades de pesquisa e de produção, devido à obrigatoriedade de isolamento e distanciamento social. Outros fatores atravessaram a pesquisa, como a perda de um ancião e também de uma pessoa muito próxima de ambos. Assim, ao apresentarem suas trajetórias como pai e mãe, estudante e professor e professora tupinikim, expondo os desafios e as dificuldades encontradas, demonstraram sua capacidade de superação e de força em “resistir para existir”!

Na complexa tarefa de orientar uma pesquisa desenvolvida por profissionais e estudantes tupinikim sobre os modos que se apresentam a cultura do/sobre o samburá, todo o meu respeito e gratidão pelo tempo de diálogo, leituras,



aprendizado e, acima de tudo, formação pessoal como pesquisadora não indígena com professores indígenas em território indígena.

Nosso agradecimento especial a todo povo tupinikim pelos ensinamentos nessa trajetória e por compartilhar experiências únicas de construção de conhecimento e humanidade; a Universidade Federal do Espírito Santo, que por meio do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ter nos possibilitado o aprendizado de outras formas de educar e existir, pela práxis corajosa recriada a cada dia.

Com a pesquisa de Andry Jeferson Pajehu de Lima e Dandara Luyne Marques da Silva, outros caminhos se abrem para outros/as pesquisadores/as da aldeia de Caieiras Velha, para que além de ouvir e contar suas histórias, também possam registrar as suas práticas, memórias, culturas e experiências.

Paz e Bem!

Ozirlei Teresa Marcilino